

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA INFÂNCIA



ELUZINETE DOS SANTOS ARRUDA

Graduação em Pedagogia, habilitada em Administração Escolar; Matérias do Ensino Fundamental e Médio; Matérias Pedagógicas do Ensino Médio; Exercício do Magistério nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pela Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2006); Pós-Graduação “Lato Sensu” em Educação da Pessoa com Deficiência da Audiocomunicação, pela Faculdades Metropolitanas Unidas (2012) Pós Graduação em Formação de Professores: Trabalho Docente para Inclusão na área de Educação pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2009); Professora de Educação Básica I na Rede Pública do Estado de São Paulo; Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – PEI..

RESUMO

O presente artigo aborda “A Contação de Histórias na Infância” que tem por objetivo analisar compreender a importância da contação de histórias no desenvolvimento da criança e como essa prática estimula a imaginação, a criatividade, as descobertas no desenvolvimento infantil. A pesquisa é de cunho bibliográfica com aportes teóricos de pesquisadores e autores que apresentam a temática proposta no desenvolvimento infantil em seus aspectos cognitivo, social e emocional contribuindo com inúmeros benefícios no desenvolvimento infantil. É de extrema importância que os professores, mediadores das situações de aprendizagem se utilizem desse recurso para o desenvolvimento pleno da criança, despertando a imaginação e estimulando a criticidade a forma singular de ver e estar no mundo. Urge a necessidade de os professores, verdadeiros contadores de histórias despertem nos pequenos, estimulando-os na prática da imaginação que transformam as vidas de quem se deixa seduzir pela prática da leitura por meio da arte de contar histórias que está relacionada ao cantar, ao brincar, a imaginação e a descoberta dos novos conhecimentos na formação da mente e do caráter humano.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Brincar; Descobertas; Ensino; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Se perguntarmos qual o seu livro preferido quando criança? Lembra de algum? Será que quando temos contato com as histórias na infância é possível se tornar um adulto leitor? O que isso traz para os seres humanos?

As crianças participam ativamente da atividade, desenvolvendo a oralidade, levantando hipóteses, fazendo leitura imagética. Um dos objetivos da arte de contar histórias na infância foi proporcionar uma leitura para deleite. Algumas capacidades demonstradas pelas crianças por meio da leitura das imagens, dentre outros.

Os livros devem ser velhos conhecidos das crianças. Os livros divertem e se tornam importantes ferramentas para auxiliar no processo de aprendizado enriquecendo o vocabulário, sendo uma fiel companheira no auxílio de uma boa escrita e proporciona um prazer enorme e divertido que acompanha o ato de ler.

A criança vai gostar e saborear a arte de contar histórias sendo desenvolvida em casa, com os pais lendo para as crianças. Para que a criança goste de ler, ela precisará ver o pai e a mãe lendo, logo, o gosto pela leitura começa em casa.

Com o livro há a possibilidade de mudanças, com a leitura há o transporte para outros lugares, muito mais bonitos na imaginação do que no real, proporciona conhecimento de uma forma lúdica, de uma forma leve por meio do acesso de informação e cultura de outros lugares.

Hoje, com as mídias sociais as pessoas cada vez mais escrevem menos. O modo de trabalharmos com as nossas crianças precisa ser mudado. Estamos no século XXI, o mundo mudou, as crianças não são mais as crianças de um tempo atrás. Precisamos mudar, precisamos evoluir e acompanhar o mundo em que as crianças estão inseridas, e é preciso estar atendo ao processo de aprendizado desenvolvido pelos alunos em sua infância.

O interesse em realizar um estudo sobre a contação de histórias, com o objetivo de contribuir e aprender com a discussão dessa prática em sala de aula nos primeiros anos do Ensino, ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem das crianças e os impactos positivos que este jogo do “Faz de Conta” pode proporcionar, superando então a tarefa rotineira atribuída pela escola de transformar a leitura e a literatura num simples instrumento para avaliação, perdendo a beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, afastando os alunos do prazer da leitura.

A linguagem é estabelecida desde sempre na vida humana, ela constitui prioritariamente uma forma de comunicação entre crianças e adultos. Por influência desta comunicação ocorre o chamado desenvolvimento mental da criança por meio da interação e da sua participação na arte de contar histórias na infância.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

No âmbito familiar o que a gente mais faz é contar histórias. Conta-se histórias quando se quer que a criança escove os dentes, quando se quer que a criança coma verduras, quando a criança pede para contar uma história, faz parte da natureza do ser humano gostar de ouvir história e gostar de contar histórias. A infância é o lugar privilegiado e se transforma no momento em que se gosta disso e se desenvolve formas legais de se contar e de ouvir histórias.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

O mundo é mundo, o ser humano é ser humano por causa das histórias que fizeram o homem ser homo sapiens. Quando se conta história se cria relações afetivas, de vínculos, de coesão do grupo em que as lembranças afetivas são fortes neste contexto, deixando um cheiro de saudade pelas histórias contadas e a esperança que a literatura pode ser inserida no cotidiano das crianças impactando-as de uma maneira lúdica e eficaz.

Contar história faz parte da evolução humana, desde o começo dos agrupamentos humanos a narração de histórias tinha uma função essencial, Guimarães Rosa afirmava que “um minuto para quando alguém ouve histórias.” É uma história, é um conto, a ficção faz parte da necessidade básica como respirar.

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos conto uma história, 'se isso', 'se aquilo' [...] quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa (COELHO, 1999, p. 12).

As histórias tanto as narradas, quanto as lidas, quanto as ouvidas são formas de proporcionar aos seres humanos se aproximarem de seres e de situações que são longínquas sem esta situação de ficção.

Existe uma característica inerente ao ser humano de inventar e de contar histórias que se torna na atualidade um princípio científico indiscutível, ou seja, o homem nasceu para falar e não para falar qualquer coisa, ele nasceu para contar histórias, ele nasceu para ouvir histórias.

A presença do livro na situação de contar a história, se o objetivo é fazer a passagem da história oral para a história escrita a presença do livro e a relação, à interação da criança, do adulto e do livro se constitui em algo de fundamental importância na arte de contar histórias na infância. A Escola é apontada como a instância que promove a formação literária dos alunos.

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário de obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência tem cumprido o papel de avalista e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sagração ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética - exercida em nome do bom gosto – sobre a produção literária (LAJOLO, 2001, p. 19).

O texto é fixo. Tem até o adágio popular de quem conta um conto aumenta um ponto. Há uma certa liberdade, o livro fica, o texto fica, permanece, pode se resgatar aquele momento em que a história foi contada, narrada, de forma maravilhosa por meio do texto. Incentivar a leitura, ter esse vínculo com a literatura é algo muito bacana tendo presente o resgate por meio da referência da literatura que está socialmente localizada e é fruto de um contexto histórico de uma determinada época.

Desde que a criança emite ruídos ela é capaz de ouvir coisas e aquilo faz um sentido para ela. Se são corretas pesquisas muito contemporâneas acerca do que acontece com o cérebro quando você ouve, quando você fala e quando você lê, talvez, o balbuciar da criança seja uma primeira

história que está contando e quando a mãe conta história para ela do cotidiano aquilo também é uma história, ou seja, uma sucessão de episódios, uma sucessão de ações que se transforma em uma narração que vai determinado o depois, o depois e o depois que sempre poderá ser reinventado.

O ser humano gosta de ouvir histórias, ou seja, muitas vezes é preciso contar a história sobre a arte de contar história. Contar história é um ato de amor e pressupõe um vínculo afetivo, um ato amoroso. A leitura é doce e tem um vínculo afetivo que precisa e exige de o contador estar por inteiro no ato de contar história.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

No entanto, mesmo sendo um ato de amor, uma expressão da relação afetiva entre pessoas, entre pais e filhos, é necessária uma certa capacidade técnica para se contar e para se ler história que pressupõe uma espécie de dramaturgia para a contação de história demonstrando o envolvimento na arte de contar história por meio do texto literário.

Conhecer o texto, gostar da história, isso pode ser passado de mãe para filha, de pai para filho. Hoje é comum ver crianças e adolescentes que passam horas no mundo virtual, enquanto isso os livros são deixados nas estantes das bibliotecas. O gosto pela leitura não tem uma fórmula secreta ou uma receita mágica de como se inicia o gosto pela leitura.

A leitura é uma das mais poderosas formas de educação. As pessoas precisam se comunicar de forma eficiente, então, a leitura ensina a escrever, a falar, saber se posicionar a respeito de diversos assuntos levando a criança a trabalhar a imaginação, a criatividade e tantos outros fatores que favorecem o estar da criança no mundo de forma inteligente e interativa.

É consequência do hábito de ler saber se expressar e se comunicar de forma fluente, solta, leve, no entanto, a prática constante e interessada na leitura, interagindo com diferentes tipos de livros essa pessoa vai saber interagir com diferentes situações em sua vida de uma forma mais satisfatória do que a pessoa que não tem essa prática de leitura em sua vida.

A prática da leitura é uma questão de educação, de cidadania. Sociedade leitora é uma sociedade mais combativa, portanto, a leitura, a literatura apresentam a possibilidade de se colocar no lugar do outro, de poder fazer uma reflexão profunda. Por exemplo, é o mundo da superfície enquanto o mundo da leitura é um mergulho e quando se mergulha existe um mundo desconhecido, silencioso.

Esse movimento transforma o cérebro das pessoas, transforma a família, a comunidade, o país, então é uma luta para que o Brasil tome consciência de que não é a historinha para que tenhamos um país decente, um país leitor.

As coisas que se gosta de fazer se quer repetir. Quando se lê ou ouve uma história de que se gosta, se quer repetir a experiência, no entanto, quando se lê uma obra novamente, se encontram coisas que não se tinha percebido na primeira leitura da obra.

A internet, possibilitou leitura e escrita que só com o advento das novas tecnologias possibilitaram, nos metrô, nos trens, nos ônibus, nas calçadas, nos parques não se tem uma imagem de pessoas lendo loucamente livros, mas sim lendo loucamente celulares, tablets, notebooks, essas são atitudes cognitivas diferenciadas. A internet possibilita aos seres humanos formas de interação simultânea com diferentes linguagens que o livro impresso não possibilita.

A interpretação psicanalítica, de Bruno Bateu, em sua obra clássica “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, afirma que na repetição a criança pode reelaborar suas questões internas desde seus momentos afetivo, íntimo, subjetivo e a repetição vai acontecendo, vai sendo processada.

Quando a criança pede para repetir a história ela mantém um adulto significativo do seu lado contando a mesma história novamente e aí se dá um estreitamento de vínculo, ou seja, contar histórias várias vezes mantém um adulto que é importante para a criança ao seu lado se tornando uma técnica para se ter o adulto ao seu lado.

[...] contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento (SISTO, 2012, p. 25).

Existem pessoas que não cultivam o hábito da leitura e, portanto, não tem a prática da leitura, essas pessoas têm todo o direito de não gostarem de ler. A leitura é uma prática social que muitas vezes fica meio fundamentalista, ou se lê ou se vai para o inferno, isso assusta e afasta.

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles, pode-se aprender mais sobre os 25 problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

No entanto, crianças que tenham contato com pessoas mais velhas ou com adultos que tenham práticas de leitura significativas e afetivas essa criança, com certeza se interessará pela prática da leitura.

Qualquer que seja nossa posição na família, em certos momentos da vida somos conturbados pela rivalidade fraterna de uma ou outra forma. Mesmo um filho único sente que outras crianças levam vantagem sobre ele, o que lhe produz ciúmes intensos. Além disso, ele pode sofrer com um pensamento ansioso de que se tivesse um irmão, este seria preferido pelos pais. "Borracheira" é um conto de fadas que tem uma atração tão forte para os meninos quanto para as meninas, pois as crianças de ambos os sexos sofrem igualmente com a rivalidade fraterna, e têm os mesmos desejos de serem resgatadas (BETTELHEIM, 2002, p. 255).

Por outro lado, não se deve esquecer que adulto também gosta de ouvir histórias, o grande livro das religiões monoteístas são todas narrações, são todas histórias, não se encontram tratados de teologia nos livros fundamentais de religião, o que se tem é a história como se originou, como se deve tratar essa ou aquela pessoa, seu animal ou seu filho.

O professor, após contar a história para seus alunos deve mobilizá-los para que em contato com livro que necessariamente não precisa ser da história narrada, contada, mas que ajuda a criança venha ter contato com o objeto, ou seja, com o livro e que possa manipular, folhear, passar as

páginas, trocar com seus coleguinhas e assim interagir com seus colegas com o objeto de conhecimento físico que é o livro que poderá despertar nos alunos o gosto pela prática da leitura.

Segundo Sisto (2012):

Contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento (SISTO, 2012, p. 25).

Os alunos em contato com o livro podem ler as imagens, as figuras e isso, por si só, já desperta na criança o gosto e pela prática da leitura, de ter prazer em ler, em folhear a obra, se tornando em um momento mágico, em que as crianças mesmo diante de tanta tecnologia elas podem se surpreender com a obra em que estão manipulando, folheando, vendo, tendo o gosto pela prática da leitura.

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Vivemos um momento particular na história, temos uma quantidade enorme de informações e a velocidade com que nos comunicamos, este fenômeno é chamado de sociedade da informação que tudo parece estar acessível ao mesmo tempo em que se torna tão superficial, a Escola deve servir de bússola para navegar nesse mar orientando criticamente, sobretudo, as crianças na busca de informações significativas que proporcionem seu crescimento.

A responsabilidade da Escola enquanto instituição de ensino é oferecer uma formação integral, desenvolvendo um pensamento crítico e reflexivo, superando a visão de só oferecer informações úteis para a competitividade ou para obtenção de resultados, os educadores responsáveis devem privilegiar o conhecimento e a autonomia dos educandos.

Nesse contexto, o professor se torna um mediador do conhecimento diante do aluno que é sujeito de sua própria formação. A Escola, por sua vez, deixa de ser leccionadora para ser gestora do conhecimento.

Todos nós, em algum momento de infância já vivemos sobre os encantos das contações de histórias, que existem há milênios em diversas culturas que a cada dia se apresentam com novas edições das mesmas histórias que nos encantaram em um passado não muito distante que se torna um veículo de transmissão de conhecimentos e de valores culturais.

A contação de história ajuda a criança a compreender o mundo e os contos trabalham no emocional da criança, ou seja, a criança faz uso da imaginação na contação de histórias, acomoda sentimentos e com isso, aprende a tomar decisões, ter independência elevando-a a um imaginário de fantasias e percepção dos personagens para trazer para o seu mundo e resolver conflitos, posturas e outras problematizações. “Os contos de fadas podem auxiliar na educação, justamente porque eles ajudam aluno e professor a um autoconhecimento e, de forma agradável e poética, revelam o inconsciente” (RADINO, 2003, p. 216).

Quando o contador de histórias está diante da criança para contar uma história, a criança se foca para recepção da história de forma que externaliza o que irá receber e isso proporcionará um crescimento interno muito grande para quem ouve a história. No desenvolvimento da contação da história e posterior discussão é o que a história melhora na vida da criança.

A contação de história precisa ser trabalhada de forma harmoniosa para que a criança possa fantasiar e fazer a passagem do conto, da história para a sua vida e seu mundo. É necessário continuar oferecendo para às nossas crianças a arte de encantar que é próprio da contação de histórias acomodando situações para própria vida.

Bettelheim (1980) por sua vez, nos coloca que, ao se contar uma história deve haver uma cumplicidade com a criança. Ambos, adultos e criança, podem compartilhar dessa experiência. Quando um adulto começa a contar histórias à criança, aos poucos ela começa a escolher a preferida.

Desde cedo é preciso inserir a criança no contexto literário para que de maneira prazerosa ela venha adquirir intimidade com o texto e aos poucos consiga estabelecer um diálogo com o que ouve ou com o que se lê.

Apesar da rapidez e dos recursos tecnológicos visuais, a contação de histórias ainda continua sensibilizando a criança no seu desenvolvimento para as questões culturais, a formação do caráter auxiliando na leitura e na escrita da criança que proporciona uma viagem com fantasias que vão além do que é meramente dado.

A arte de contar histórias provoca reações que encantam e favorecem a leitura da criança e a imaginação que proporciona o desenvolvimento do cérebro possibilitando o desenvolvimento cerebral maior para a criança.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 2006, p. 17).

Como Escola, precisamos desenvolver a capacidade da criança de expressar-se oralmente, de fazer a leitura com os demais coleguinhas. O leitor lê o que chama sua atenção e para isso precisa ser incentivado para ter o hábito para ampliar os conhecimentos sobre si mesma, sobre o mundo e sobre tudo que está ao seu redor.

A contação de história desenvolve a autonomia, proporciona uma melhor organização do pensamento, descobre regras, compreende melhor os limites e toma decisões.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – RCNEI, orienta para a realização de atividades e suas práticas cotidianas de modo a ajudar os alunos a desenvolverem as capacidades comunicativas por meio da oralidade.

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais. O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento (BRASIL, 1998, p. 117).

O trabalho de contação de histórias deve ser feito de forma lúdica com o desenvolvimento da linguagem oral, a resolução de conflitos, a criatividade, as crianças ficam fascinadas e já se estabelece o interesse pela literatura infantil despertando o contato com o livro.

O incentivo à leitura deve ser uma tarefa da escola, mas não só da escola, há que envolver a família nesse compromisso com a leitura. A história não termina quando acaba e sua continuidade se dá através de atividades significativas para o universo da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivenciando um momento muito significativo em que o ser humano está aprendendo a importância da história na vida humana com respaldo das ciências da cognição, das ciências cognitivas, na antropologia, na história e nos vários agrupamentos humanos que vão contando história e que para isso é bom ler boas histórias e contar bem boas histórias para o público que está em processo de aprendizagem.

O livro é de fundamental importância para uma prática saudável de leitura, tem a biblioteca pública, a livraria, a editora que pode ser feita uma visita monitorada com as crianças para ver como se dá o processo de publicação de uma obra, ou seja, existem vários espaços que podem ser aproveitados para que as crianças possam ter acesso aos livros e com os livros.

A relação com a palavra, com a escrita, com a aprendizagem sem imaginação não se concretiza a aprendizagem. A vida dos grandes gênios e dos grandes filósofos e historiadores da humanidade está recheada de histórias em sua infância. Por outro lado, se os pais efetivamente gostam de ler, se leem independentemente para eles ou para as crianças, jamais apresentarão a leitura como uma coisa chata para a criança.

O objeto do livro físico é de fundamental importância para a prática da leitura e sua familiaridade com o objeto. Houve uma Escola no interior do Estado de São Paulo, que desenvolveu um Projeto chamado “A Leitura no Coração da Escola” em que a ideia era que toda atividade da Escola girasse em torno da leitura. Esse Projeto Escolar foi acompanhado pela Secretaria da Educação uma vez por mês que se chamava Praças de Leitura, então, se colocava em uma Praça da cidade Livros e a população visitava e podia levar para casa o livro escolhido para posterior prática de leitura. A familiaridade com o objeto é fundamental, sem isso é impossível.

É de fundamental importância que as pessoas leiam, visitem bibliotecas, livrarias, feiras de livros, contem histórias de suas vidas para as crianças, do tio, do avô, da avó, o compartilhamento de histórias é uma das melhores coisas que existem em um mundo conturbado, acelerado, louco, parar na loucura de uma cidade em movimento e contar uma história, essa predisposição fica mar-

cado para sempre no coração e na memória de quem ouve a narração e a contação de uma história.

Grandes obras da literatura universal e brasileira, são livros que falam de grandes leitores e de grandes contadores de histórias como por exemplo: De Cameron, Bocattio e Dom Quixote de Cervantes que são leituras maravilhosas. A prática da leitura transforma a vida das pessoas que transformam o mundo e a forma de ser, estar e se relacionar com as pessoas.

A contação de história é de extrema importância no desenvolvimento infantil para que seja estimulada a leitura por meio de uma vivência muito maior com as histórias, trazendo da fantasia para a realidade.

No entanto, o contador de história tem a tarefa de identificar as necessidades da criança, os objetivos propostos na contação de história para o pleno desenvolvimento da criança que escuta a história narrada, compreender as questões emocionais que envolvem as crianças, as questões cognitivas que os alunos necessitam para seu pleno desenvolvimento.

A utilização de contação de histórias, dentro da sala de aula é um benefício mútuo, alunos são instigados a imaginar e criar mais. E os professores podem ministrar aulas mais agradáveis e produtivas e em casa, a contação de história, pode ser um momento de estímulo e interação entre pais e filhos.

A arte de contar história contribui para três aspectos essenciais no desenvolvimento infantil: a curiosidade da criança que é aguçada por meio da contação de uma história, ajuda no senso crítico da criança em que a criança passa a ter uma noção de determinadas situações, que vão permeando suas histórias nas relações que vai estabelecendo com as pessoas e o mundo e por fim, desperta a criatividade da criança que poderá transformar e amadurecer as relações que vão sendo estabelecidas dentro e fora da sala de aula.

O mundo encantado que a arte de contar história proporciona para o desenvolvimento infantil é de extrema importância para as etapas que virão em que a criança vai amadurecendo e se dando conta dos processos por que passa em que será alfabetizada e letrada, poderá fazer a leitura da história ora contada, agora lida por ela de forma autônoma, prazerosa, e, se possível de forma lúdica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 4. Ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Editora Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COSSON, R. **O espaço da literatura na sala da aula**. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Coord.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2010.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil: Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1987.

GOMES, L.; MORAES, F. **Alfabetizar Letrando com a Tradição Oral**. São Paulo: Cortez, 2013.

LAJOLO, M. **Literatura: Leitores e Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

MATEUS, A. N. B. et. al. **A Importância da Contação de História como Prática na Educação Infantil**. s/d; s/p. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view-File/8477/727> Acesso 30 jun. 2025.

SILVA, M. E. L.; SPINILLO, A. G. **A Influência de Diferentes Situações de Produção na Escrita de Histórias**. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13(3), 2000.

SISTO, C. **Textos & Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.